



A hostilidade do feminicídio em Nélida Piñon

Carlos Magno Santos Gomes

Departamento de Letras Libras, Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos, 49100-000, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.
E-mail: calmag@bol.com.br

RESUMO. Este artigo aborda a ambiguidade do tema da hospitalidade/hostilidade do estrangeiro, no conto ‘Sangue esclarecido’, da coletânea *Sala de armas*, de Nélida Piñon. Partimos do estudo da violência contra a mulher como uma forma de hostilidade do hóspede. No conto, o protagonista, mesmo sendo tratado de forma acolhedora, rejeita os princípios da cordialidade, ao impor a virilidade agressiva como repertório de relacionamentos abusivos que antecede um feminicídio. Em nossos argumentos, usamos os conceitos de ‘hospitalidade’, de J. Derrida – aquela que é normatizada como direito universal; ‘identificação’, de Z. Bauman – a etapa do processo de construção identitária; e ‘masculinidade excessiva’, de L. Machado – a normatização do homem violento que opta pela virilidade agressiva como marca de sua identidade.

Palavras-chave: feminicídio; hospitalidade; identidade masculina.

The hostility of femicide in Nélida Piñon

ABSTRACT. This paper addresses the ambiguity of the foreigner’s hospitality/hostility theme, in the short story ‘Sangue Esclarecido’ [in English: ‘Clarified Blood’, loosely translated], in the collection *Sala de Armas* [Weapons Room], by Nélida Piñon. We have started from the study of violence against women as a form of hostility by the guest. In the narrative, the protagonist, despite being treated in a warm manner, rejects the principles of cordiality, by imposing aggressive virility as a repertoire of abusive relationships that precede a femicide. In our arguments, we use J. Derrida’s concept of ‘hospitality’ – one that is standardized as a universal right; ‘identification’, by Z. Bauman – the stage of the identity construction process; and ‘excessive masculinity’, by L. Machado – the standardization of the violent man who opts for aggressive virility as a mark of his identity.

Keywords: femicide; hospitality; male identity.

Received on February 12, 2020.

Accepted on May 11, 2020.

Introdução: o estrangeiro hostil

Este texto traz uma abordagem comparativa entre o hóspede e o agressor em casos de violência contra a mulher por meio do estudo da hospitalidade, quando envolve, especificamente, homens agressivos que não respeitam normas civilizatórias. Tal comportamento está relacionado à busca identitária do homem violento que rejeita o repertório social da gentileza e da gratidão. Nesse contexto, o hóspede comporta-se como um estrangeiro em busca de um *chez soi*, pois se mostra um sujeito insatisfeito consigo. Tal condição é própria das identidades precárias, daquelas que não têm ponto de chegada fixo, já que “[...] o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar nenhum se vai estar plena e totalmente em casa” (Bauman, 2005, p. 20). Essa crise identitária masculina está relacionada a casos de violência contra a mulher¹.

Partindo dessa instabilidade identitária, estamos preocupados com a precariedade masculina ao desrespeitar os direitos da mulher. Conforme a perspectiva dos estudos de gênero, as identidades femininas e masculinas são normatizadas pela flexibilidade das identificações com os outros, já que “[...] o conceito identidade tem sido cada vez mais usado em reivindicações de indivíduos sobre quem são em termos de suas diferenças em relação a outros” (Connell & Pearse, 2015, p. 208-9). Assim, o sujeito masculino se vê em crise quando não se identifica com a identidade feminina que o cerca, projetando-se ‘fora do lugar’.

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa financiada com bolsa produtividade do CNPq acerca das formas estéticas de representação do feminicídio nas literaturas brasileira e latino-americana.

Essa desterritorialização do sujeito sem referências afetivas aproxima-se da sina do estrangeiro e nos convida a pensar o processo de ruptura de fronteiras sociais como daquele que rejeita os padrões sociais civilizatórios por serem incompatíveis com seu repertório pessoal. Conforme Derrida (2003, p. 78-9), “[...] define-se o estrangeiro, o cidadão estrangeiro, o estrangeiro à família ou à nação, a partir do nascimento: quer seja dada ou lhe seja recusada a cidadania a partir da lei do solo ou da lei do sangue, ele é estrangeiro de nascimento”.

Tal condição de estrangeiro, como aquele que está ‘fora do lugar’, é propícia para uma análise da trajetória do protagonista do conto ‘Sangue esclarecido’, publicado na coletânea *Sala de armas* (1997), de Nélida Piñon. Esse sujeito passa da condição de hóspede a de assassino por não se identificar com a gentileza da mulher que o recebe. Nessa narrativa, a metáfora do estrangeiro vai além de sua condição de viajante e está atrelada à repetição do monolinguismo de sua masculinidade excessiva, centrada na virilidade como uma referência social. Esse tipo de masculinidade é comum a homens que se limitam a valores da força, da virilidade e do abuso da violência em suas relações afetivas de acordo com os estudos de Lia Zanotta Machado (2010).

Especificamente, os homens incomodados com valores civilizatórios, como a liberdade de escolha da mulher, só se encontram quando praticam atos de brutalidade contra mulheres acolhedoras. No texto analisado, levamos em conta a forma como o protagonista rejeita o repertório da gentileza para insistir na imparcialidade afetiva. Essa opção estética nos orienta no processo de interpretação que passa pela ironia presente no título ‘Sangue esclarecido’ e é ratificada pela forma brutal como o feminicídio é praticado pelo protagonista². A partir desse roteiro literário, repensamos a questão da hospitalidade como uma prática social perigosa para a mulher.

Vale lembrar que a coletânea *Sala de armas*, de Piñon, foi publicada em um contexto social de opressão em plena ditadura militar no Brasil em 1973. Nesse momento, o culto da masculinidade se confundia com a padronização da masculinidade, levando em conta a fixidez de valores patriarcais e militares. Logo, no processo interpretativo, devemos levar em consideração essa relação entre literatura e sociedade, pois os questionamentos de gênero são operados por meio das opções estéticas, reforçadas pela ironia do hóspede que pratica violência contra mulheres acolhedoras. Partimos da premissa que esse crime é sustentado por “[...] relações dinâmicas e de poder [...]”, ele não é determinado por uma questão biológica ou natural, pois é inserido em uma “configuração histórica e cultural”, logo estamos diante de um crime que é praticado por um homem misógino que nutre ódio ao universo feminino (Pasinato, 2011, p. 239).

Na literatura brasileira, a hostilidade masculina é retratada de diversas formas em contos dos anos setenta do século XX. Destacamos ‘Venha ver o pôr do sol’, da coletânea *Antes do baile verde* (1970), de Lygia Fagundes Telles, que retrata um personagem masculino hostil com a ex-namorada que o trocou por outro, por isso ela é aprisionada em um cemitério para que nenhum homem tenha acesso ao seu corpo (Telles, 2009). Por sua vez, em ‘A moça tecelã’, de 1978, relançado na coletânea *Um espinho de marfim e outras histórias*, Marina Colasanti (2012) esmiúça estratégias de aprisionamento da mulher aos desejos do marido, que se empenha no controle do corpo feminino. Nos dois contos, as autoras denunciam o uso do discurso hegemônico patriarcal, que aprisiona a mulher a valores fantasmagóricos de posse do corpo feminino como propriedade masculina conforme Gomes (2014).

No espaço acadêmico, diversos estudos ratificam a importância dos valores sociais para a regulação das identidades de gênero, visto que configurações identitárias e práticas sexuais são “[...] dependentes de condições sociais historicamente transitórias [...]” como valores cultuados por sistemas ditatoriais ou modismos comportamentais atrelados à globalização, que são “[...] parte limitada de um todo de suas histórias de vida sexual” (Connell & Pearse, 2015, p. 210). Além disso, sabemos que repertórios simbólicos que controlam as normatizações de gênero, no âmbito da violência, como uma extensão da masculinidade são divergentes, pois, há um reconhecimento público da naturalização da violência como parte das práticas masculinas; tais atos colocam a mulher em situações de risco.

Para a análise dessa trajetória, trazemos à baila alguns conceitos de violência contra a mulher propostos por abordagens interdisciplinares que enfatizam o repertório social de gênero que reproduzem normas hegemônicas de subjugação do corpo feminino ao masculino tanto no espaço da casa, como no da rua (Machado, 2017). Sabemos que as identidades masculina e feminina são construídas de forma múltipla e estão sujeitas às acomodações que fazem parte das relações interpessoais, pois são construídas em

² O termo feminicídio está sendo usado pela perspectiva política com o intuito de especificar o homicídio da mulher por questões de gênero tanto no espaço doméstico como no urbano. O conto de Piñon nos coloca frente à frente com os dois contextos de violência com o mesmo *modus operandi* da desqualificação da mulher (Pasinato, 2011).

processos de identificação que incorporam valores éticos e morais construídos coletivamente por meio de ‘relações de gênero’ dinâmicas (Connell & Pearse, 2015).

No âmbito desses estudos, vamos focar em questões relativas à violência imposta pelo hóspede a uma mulher que o acolhe. Essa violência vai do assédio psicológico, passando pela violência sexual, até se desdobrar em um feminicídio. Tais perigos são normatizados pelos valores morais de gênero. Para Rita Laura Segato (2003, p. 132), esse controle é ancestral e é mantido por uma “[...] violência estrutural de gênero [...]”, que considera o corpo da mulher como território da masculinidade, e como tal pode ser disciplinado pela força masculina. Esse fenômeno é ‘normativo’ e faz parte do repertório social das identidades masculinas e femininas (Segato, 2003).

Tal ‘normalidade’ está presente nos corpos disciplinados pelos padrões culturais, tanto presentes nas atividades domésticas, como nas atribuições de trabalho, pois o repertório estrutural de gênero não abre mão de valores ancestrais que especificam “[...] o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres” (Bourdieu, 2017, p. 24). O reconhecimento dessas regulações é fundamental para ampliarmos o debate em torno das desigualdades de gênero, visto que “[...] ao invés de aplicar uma categoria que é homogeneizante, parece ser mais produtivo explorar as causas e os contextos em que ocorrem para qualificar os eventos e compreender as relações de poder que concorrem para sua prática” (Pasinato, 2011, p. 242).

Jovens feministas, que debatem a questão da violência nas redes sociais, são mais categóricos ao reconhecer o abuso sexual como uma estratégia de poder masculino, pois “[...] é muito mais uma forma de dominação do que uma forma de satisfazer um desejo sexual. O sexo, no estupro, é um meio pelo qual a violência ocorre. Não por menos o estupro está associado à ameaça e punição” (Lara, Rangel, Moura, Barioni, & Malaquias, 2016, p. 175). Por esse prisma, a violência física e sexual faz parte de um processo identitário pelo qual o homem seleciona o repertório de gênero adequado a suas imposições e abusos como o culto da virilidade e o uso da agressividade para controlar suas parceiras.

No caso em estudo, analisaremos os perigos que estão por trás da hospitalidade feminina diante da hostilidade masculina. Para isso, a seguir, exploraremos a trajetória identitária do protagonista de Nélida Piñon, que, mesmo sendo acolhido em diferentes casas, mostra-se um hóspede traiçoeiro ao impor o assédio psicológico, a violência sexual e o feminicídio como marcas de masculinidade.

A violência do estrangeiro

A hospitalidade é uma condição humana. Estamos sempre prontos para hospedar alguém em nossa casa. Acolher é um ato de cidadania que nos torna mais sociais e compreensivos com o outro que busca novas fronteiras identitárias para sua autoafirmação como sujeito. Todavia, sempre corremos riscos quando hospedamos um estrangeiro, um desconhecido, visto que ele já traz um repertório social como parte de sua língua. Quando pensamos na questão de gênero, sabemos que os perigos para uma mulher são ainda maiores se o hóspede for normatizado pela masculinidade hegemônica, aquela que defende a imposição da agressividade e da virilidade como um padrão de conquista. Logo, o hóspede pode se tornar um agressor.

Para melhor conduzir nosso debate, vamos traçar algumas reflexões sobre os sentidos da hospitalidade em casos de violência contra a mulher a partir do estudo do processo de construção identitária do protagonista do conto ‘Sangue esclarecido’, de Nélida Piñon. Essa narrativa tece um perfil masculino incomodado com a gentileza e o afeto que recebe das mulheres que cruzam sua trajetória. Insatisfeito com o acolhimento feminino, esse protagonista expõe um ódio à mulher muito comum aos discursos misóginos. Tal comportamento está presente desde o momento que rejeita os ensinamentos da casa da mãe e parte em uma trajetória social de construção de sua masculinidade. No entanto, sem respeitar a civilidade e a boa conduta social, aos poucos, ele vai se tornando mais agressivo e intolerante com as mulheres que cruzam seu percurso identitário.

Em nenhum momento, o protagonista de ‘Sangue esclarecido’ aceita ser tratado com gentileza, rejeitando todas as estratégias de aproximação feminina. Isso acontece por ser guiado pelo instinto da agressividade e da pulsão viril que norteia suas ações. Desde cedo, é apresentado como um jovem sem emoções e sem vínculo com a casa materna: “Jamais amou mãe, pais ou irmãos. Nem amigo, mulher, objeto, mesmo os animais” (Piñon, 1997, p. 105). Sem se identificar com as relações harmoniosas da casa dos pais, mostra-se prisioneiro da sua pulsão agressiva como uma forma de proteção e poder, pois “[...] os meninos frequentemente fazem movimentos agressivos e reivindicam poder” (Connell & Pearse, 2015, p. 56).

No seu processo de identificação, ele não se encontra com o afeto da casa materna: “[...] esforçava-se pretendendo a vibração necessária o amor que via colocarem à entrada de sua casa, como se fossem inverno e pedissem guarida” (Piñon, 1997, p. 105). Para sua mãe, o isolamento do jovem e sua aversão aos bons costumes da casa fazia parte de sua “[...] natureza de semente” (Piñon, 1997, p. 105). Essa construção da identidade masculina repete a normatização de gênero hegemônica, que impõe “[...] corpos generificados: mulheres femininas e homens masculinos [...]”, cujas práticas se traduzem em submissão do feminino ao poder dominador do masculino (Butler, 2014, p. 271).

Sem suportar o bom convívio, ele foge do aconchego da casa dos pais, omitindo seu desconforto com o ambiente amistoso, por isso deixa um bilhete de despedida em que esconde o verdadeiro motivo de sua fuga. Ele temia não ser entendido e opta por se distanciar do lar acolhedor. Tais atitudes fazem parte do repertório social de gênero mantido por uma “[...] linha de demarcação mística [...]” que cultua a força para eles e a fragilidade para elas (Machado, 2017, p. 149).

Depois de deixar a casa materna, o protagonista de ‘Sangue esclarecido’ aluga um quarto na residência de uma senhora que o trata como um hóspede. Com carinho, uma mulher que cuida dele. Esse afeto é rejeitado: “Não cumprimentava, sempre deixando de lado os bolinhos que já pela manhã ela produzia voraz” (Piñon, 1997, p. 106). Esse comportamento hostil se agrava após a senhora passar a tratá-lo como um ente da família, depois de ela se recuperar de uma enfermidade. Sua inabilidade com o afeto se projeta como uma marca de sua hostilidade: “[...] após a cura, a velha irradiava uma devoção que não estava em seus planos aturar. Abandonou a casa, sem bilhete desta vez” (Piñon, 1997, p. 106).

Nessa primeira experiência como hóspede, o conto expõe uma masculinidade irredutível à gentileza e à solidariedade. Sem aceitar as boas regras do acolhimento, ele se sente pesado naquele espaço, por isso se projeta fora daquela normatização, já que não consegue se movimentar com liberdade e se incomodava com tudo que a mulher fazia. Ao se projetar como um sujeito fora do lugar, ele continua sua trajetória de busca identitária, visto que o processo de ‘identificação’ é fundamental para “[...] os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso” (Bauman, 2005, p. 30). Sem um referencial masculino que se aproximasse de suas opções identitárias, ele parte para novas fronteiras sociais.

Além dessa condição de fora do lugar, outra marca que fica registrada em seu comportamento é a opção pela imposição da agressividade como marca de sua identidade. Essa imposição é própria do hóspede hostil daquele que rejeita as normas da hospitalidade e que respeite a língua do “[...] dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua” (Derrida, 2003, p. 15). Sem aceitar o repertório feminino, ele opta por impor seu padrão identitário que corresponde ao imaginário hegemônico de gênero que não admite homens frágeis ou fraquezas para sujeitos ‘duros’, porque o homem deve ser fechado e esconder seu próprio sofrimento e, sobretudo, se afastar do sofrimento dos outros (Bourdieu, 2017).

A hostilidade sexual

Depois da segunda fuga, o protagonista de ‘Sangue esclarecido’ hospeda-se em uma pequena pousada. Novamente ele é bem tratado e é seduzido pela dona da pensão e mais uma vez mostra-se inalcançável ao descartá-la com rispidez: “Estou cansado, você seria a terceira mulher desta noite” (Piñon, 1997, p. 106). Como ela não desiste da conquista, ele passa a corresponder de forma impiedosa, pois se sente despedido diante daquela sedução, que era, até então, uma novidade para ele. Assim, na primeira oportunidade de contato sexual, ele opta pela violência e pelo desrespeito ao corpo da mulher. Por essa perspectiva, ele desrespeita a liberdade da mulher, e repete valores hegemônicos sociais que têm a finalidade de humilhar a mulher, reforçando o abuso sexual como um “[...] bônus de violência” (Machado, 2010, p. 81).

Assim, nos momentos em que sua condição de hóspede é posta em evidência, ele se mostra incapaz de retribuir o afeto recebido, passando a repetir atos comuns ao repertório monolíngue da agressividade masculina: “Dominou a mulher com falhas e prejuízos cuspidos-lhes em seguida no rosto, para que ela não o desmascarasse” (Piñon, 1997, p. 106). Esse sujeito que desrespeita e agride sexualmente aquela que o hospeda traduz uma postura misógina de homens que optam por impor sua força como uma forma de poder, visto que a violência sexual “[...] é mais uma forma de dominação do que uma forma de satisfazer um desejo sexual” (Lara et al., 2016, p. 164).

Tal metáfora do homem hostil deixa pistas do quanto o texto de Piñon questiona a violência sexual como uma linguagem masculina quando a desloca os sentidos do primeiro ato sexual de um homem, que

normalmente é comemorado, para um ato de violência e desrespeito ao corpo daquela que seduziu. Mesmo sem ter domínio da situação, esse personagem não se dobra diante da mulher e usa a violência para esconder sua falta de habilidade sexual. Essa representação não é muito diferente do abuso praticado como exercício da masculinidade, já que o agressor está mais interessado na “[...] exibição da sexualidade como capacidade viril e violenta do que na busca do prazer sexual” (Segato, 2003, p. 33).

Por essa perspectiva, a masculinidade que não se dobra diante do afeto pode ser vista como uma língua espectral de subjugação do corpo feminino ao território sexual do macho. Logo, podemos nos aproximar da perversidade dos atos sexuais do hóspede como parte do seu repertório misógino, uma vez que esse sujeito não aceita a hospitalidade feminina. Tal incapacidade masculina é uma fronteira da barbárie que nos assusta, pois ao não reconhecer a linguagem feminina do acolhimento, ele se projeta como a impossibilidade da hospitalidade. Essa postura radical que o texto literário anuncia abre possibilidades para o questionamento do monolinguismo masculino, traduzido pela violência contra a mulher.

Nesse sentido, o conto de Piñon associa a identidade masculina à violência, já que a virilidade do protagonista é guiada pela normatização do corpo da mulher como um objeto sexual. Tal prática é comum a sociedades patriarcais em que essa posse é imposta como uma extensão da dominação masculina (Bourdieu, 2017). Sem aceitar a liberdade feminina, o homem que pratica a violência usa atitudes predatórias como forma de disciplinar e controlar a companheira. Tal comportamento é um prenúncio de homens que praticam o feminicídio em relacionamentos afetivos, visto que o descontrole masculino, guiado pelo uso da força e do controle do corpo da mulher “[...] podem e desencadeiam em morte [...]” e fazem parte dos “[...] assaltos identitários masculinos [...]” que são normatizados por ameaças, injúrias, questões de honra, humilhações e agressões físicas, entre outros atos próprios da violência doméstica (Machado, 2017, p. 42).

Portanto, nosso roteiro de leitura é sustentado pela identificação do monolinguismo do repertório da violência contra a mulher, que nos coloca diante de um repertório da barbárie. Tal hipótese pode soar como exagero, mas, em muitos casos práticos citados por Lia Zanotta Machado (2010), essa é única estratégia que o homem tem para controlar e vigiar sua companheira. No texto de Piñon, essa situação fica mais estereotipada por se tratar de um personagem que se projeta como um hóspede, acolhido com respeito, mas que não consegue retribuir a hospitalidade.

Em particular, tal comportamento reforça sua condição de estrangeiro hostil, ao contrário do hóspede, que tradicionalmente, “[...] torna-se, assim, um refém retido, um destinatário detido” (Derrida, 2003, p. 95). Ao não usar o repertório social da hospitalidade, o hóspede hostil passa a ser uma cilada para a mulher hospedeira, pois fica sujeita à rigidez do monolinguismo espectral desse visitante. Essa dupla rejeição, da ética do hóspede e do homem civilizado, reforça os perigos a que uma mulher está sujeita em sociedades onde a violência estrutural de gênero é repetida simbolicamente em comportamentos sociais.

A imagem do estrangeiro que não consegue usar a língua da casa que o acolhe reforça uma crítica do quanto os homens se restringem ao repertório da força e da virilidade, quando se sentem inseguros e ameaçados pelo acolhimento feminino. No conto, essa crise de pertencimento evidencia-se quando a dona da pensão lhe oferece uma boa estadia em troca do afeto: “[...] um sentimento inicial de honra chegou a invadi-lo, mas a ausência de qualquer sentimento estabelecendo prerrogativas, aceitou o convite como se firma um negócio” (Piñon, 1997, p. 107). A insegurança que um relacionamento afetivo lhe proporciona é combatida com a frieza e o cálculo de um negócio, que poderia lhe trazer vantagens pessoais. O narrador, de forma irônica, desloca o ponto de vista do dominante, sem torná-la natural, questionando a padronização da violência.

Por meio desse processo de troca e de favores, percebemos que a incondicionalidade de hospedar um estrangeiro é regulada pela questão de gênero. O hóspede rejeita os códigos de convivência ao impor seu código sexual do abuso do corpo feminino. Cabe esclarecer que, no universo ficcional de Piñon, observamos que a mulher não está completamente submissa, visto que a ação é narrada pela focalização do agressor, que sempre foge da hospedeira por se sentir desconfortável com o acolhimento e o amor recebido. Por esse prisma, a narrativa opta por descrever o processo de acomodação das identidades de gênero, pois “[...] as práticas em que corpos são envolvidos [...]” estão normatizadas pela intersecção de “[...] estruturas sociais e trajetórias pessoais [...]”, fornecendo condições para novas práticas identitárias (Connell & Pearse, 2015, p. 112).

Nesse contexto, a concepção de exploração do corpo da mulher como objeto advém de uma estrutura social patriarcal, mas essa prática é rejeitada por mulheres que não aceitam ser submissas em seus relacionamentos, pois “[...] as tradições são inventadas e reinventadas, elas não são inertes e nem se reproduzem inertemente” (Machado, 2017, p. 38). Nesse caso, a masculinidade agressiva não é

predominante, ela é descrita como a língua de um estrangeiro, daquele que vem de fora. Essa inversão de valores é uma estratégia estética de revisão de valores próprios dos territórios de “[...] dominação masculina [...]”, descrito por Bourdieu (2017, p. 85) em seus estudos sobre as tradições patriarcais na região do Mediterrâneo.

No conto de Piñon, o homem se mostra acuado pela afetividade da mulher, pois revela-se incapaz de praticar o amor: “[...] ostentando uma brutalidade indispensável na sua nova escala de exibições” (Piñon, 1997, p. 107). Essa tessitura literária reforça uma premissa antropológica de que as questões de gênero não são fixas, pois a ‘violência’ como parte de uma ‘cultura’ não é limitada a um processo de reificação ou uniformização, uma vez que ela “[...] não é experienciada igualmente pelos sujeitos sociais em diferentes posições” (Machado, 2017, p. 38).

Assim, a experimentação dos limites entre dominação e submissão é testada em diferentes momentos da narrativa. Esse processo se intensifica quando a dona da pensão se mostra apaixonada. Nesse trecho, o abuso sexual é usado como o ápice da virilidade: “[...] se é verdade que me ama, basta possuí-la para não sofrer mais. Rasgou-lhe o vestido, cumprindo inábil aquele desígnio” (Piñon, 1997, p. 108). Sem demonstrar sentimentos, a violência funciona como um duplo regulador identitário: falta de habilidade com a mulher e imposição da força. Tal contexto abusivo está relacionado às incertezas masculinas que atravessam as práticas sexuais heterossexuais de homens que ameaçam em vez de reconhecerem as particularidades da mulher (Connell & Pearse, 2015).

O tom irônico dessa violação aponta para uma crítica à hospitalidade. Esse deslocamento é estratégico, pois questiona a masculinidade excessiva e se projeta fora do processo civilizatório. Nesse caso, a narrativa literária possibilita reflexões sobre o sujeito masculino que age na contramão das normas da hospitalidade, ao optar pelo monolinguismo da violência. O contraste entre o hóspede hostil e a mulher acolhedora expõe as contradições da hospitalidade, que é normatizada por uma impossibilidade ao se concretizar como “[...] uma acolhida sem condições. A lei da hospitalidade, a lei incondicional da hospitalidade ilimitada” (Derrida, 2003, p. 69).

No texto de Piñon, a hospitalidade ilimitada é explorada como um sinal de alerta e expõe a ambiguidade dessa garantia no campo interpessoal, quando são pensadas pela questão de gênero. O hóspede usa violência como parte de uma língua ancestral inseparável da masculinidade. Nessas condições, a violência é reconhecida como um fenômeno “[...] percebido e assimilado como parte da ‘normalidade’ ou, o que seria pior, como um fenômeno ‘normativo’, quer dizer, que participaria do conjunto de regras que criam e recriam essa normalidade” (Segato, 2003, p. 132, grifo da autora). A representação dessa masculinidade também é questionada por Nélida Piñon (2004), no romance *Vozes do deserto*, ao revisar a narrativa árabe *As mil e uma noites* a partir de uma performance feminista que rejeita a fatalidade dos feminicídios impostos pelo Califa (Gomes, 2018).

O monolinguismo do feminicídio

Na reta final do conto, incapaz de corresponder ao amor e à acolhida de sua parceira, o protagonista de ‘Sangue esclarecido’ abandona a casa acolhedora da mulher apaixonada. Sem se identificar com o amor da companheira, ele vai se distanciando cada vez mais do processo civilizatório ao se aproximar do universo dos animais. Com isso, vai se isolando em seu monolinguismo hostil: “Discreto, empenhava-se em construir para si a semelhança de um animal cativo” (Piñon, 1997, p. 109). Esse sujeito é atravessado pelo imaginário do exilado em sua própria falta de afetividade, vivida na infância, e aproxima-se de homens que “[...] têm mais dificuldade em estabelecer a identidade de gênero e limites mais marcados para si mesmos na vida adulta” (Connell & Pearse, 2015, p. 208).

Como um animal de cativeiro, esse personagem carrega a violência como sua segunda pele. Por rejeitar a casa acolhedora, ele reforça a importância da violência como a única língua que sabe utilizar. Nesse paralelo, podemos afirmar que a violência, presente em seu repertório social, funciona como um ‘lar inamovível’ de sujeito que desrespeita o lar que lhe acolhe, impondo a hostilidade própria dos estrangeiros que não se dobram à língua do hospedeiro (Derrida, 2003). Sua condição de se projetar sempre ‘fora do lugar feminino’ reforça o seu não pertencimento ao mundo civilizado.

As sutilezas dessas ironias são fundamentais para uma releitura da trajetória desse protagonista aprisionado ao repertório da violência. Ao descrever os perigos que uma mulher corre ao hospedar um homem, Nélida Piñon revisa o espaço da casa como um lugar perigoso para a mulher, aproximando-se muito

do que nos informam as pesquisas sobre violência doméstica. Quanto à questão identitária, ao refutar a hospitalidade, esse homem se nega a ampliar as fronteiras de sua masculinidade. Como uma identidade fixa, ele faz parte dos grupos para os quais “[...] reformas grandes nas relações de gênero podem exigir, assim, a perda de si, uma experiência vertiginosa de gênero, como parte do processo” (Connell, & Pearse, p. 211).

Tal desespero do medo da ampliação das relações de gênero pode ser traduzido no feminicídio, que é praticado contra uma jovem que o acolhe depois de uma longa caminhada: “Menina, o que eu farei com você, para fazer alguma coisa em mim? Enquanto apertava aquele pescoço, ouvia o ruído das coisas gentis espatifando” (Piñon, 1997, p. 109). Assim, na motivação desse crime, temos duas constatações: a violência é parte do desencontro do personagem consigo; e a escolha de uma estranha reforça sua misoginia. Tal comportamento é comum a muitos casos de feminicídio, pois é repetido o *modus operandi* desse crime, quando praticado por desconhecido, que escolhe a vítima de forma aleatória e age com extrema brutalidade a fim de aniquilá-la conforme a análise de diversos crimes contra mulheres em diferentes partes do mundo (Pasinato, 2011).

Depois do feminicídio, a frieza do protagonista com a brutalidade usada reforça sua capacidade de impessoalidade animal: “Depositou-a no chão, cuidou de cerrar seus olhos, olhos espantados, ainda lambendo a língua espremida para fora” (Piñon, 1997, p. 109). Se levarmos em conta que esse estrangeiro carrega esse ódio desde o início de sua trajetória, constatamos que o crime é um desdobramento de suas estratégias de relacionamento afetivo, isto é, o aniquilamento do corpo da mulher.

Tal identificação masculina, de forma irônica, ratifica uma identidade assombrada pela liberdade da mulher, pois ele flutua, como visto quando estava em um lar acolhedor, mostrando-se insatisfeito com a gentileza desses espaços. Esse jogo identitário é desconfortante e perturbador para ele, já que “[...] há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (Bauman, 2005, p. 19). Por um olhar sociológico, o conto de Piñon resalta essa crise de pertencimento ao reforçar o instinto brutal da masculinidade. Um sujeito aprisionado ao repertório monolíngue da violência.

Além de estrangular sua vítima, ele sente prazer em ver o corpo da jovem sendo esfaqueado pelos bichos daquela região: “[...] abrindo a porta, convidou os animais a participarem do festim. Eles avançaram implacáveis, selvagens multiplicaram o corpo da menina” (Piñon, 1997, p. 110). Assim, ao construir um homem incapaz de aceitar um afeto ou desenvolver qualquer tipo de sentimento em relação à mulher, temos o registro de um ódio genealógico.

A aversão ao feminino é respaldada pelo ritual de esfaqueamento do corpo feminino descrito na cena final: “[...] pelo desconsolo de amar quem morrera, se não lhe fora possível exaltar-se com quem estivera vivo” (Piñon, 1997, p. 109). Na sequência, o narrador relata o prazer que o sacrifício feminino proporciona ao seu algoz: “[...] e se aquelas garras, que trabalhavam separando o corpo numa limpeza exagerada, chegavam até ele portadoras de um sentimento que se confundia com o amor, ele não se importava” (Piñon, 1997, p. 110). Assim, o deleite do corpo sendo devorado pelos animais é intenso para o assassino que, enfim, encontra sua paz interior, isto é, sua *chez-soi*, a âncora social que ele buscou nos relacionamentos anteriores, todavia não se contentou só com a agressividade, foi preciso um feminicídio para alcançar sua identificação.

Ao descrever o prazer do assassino em presenciar o corpo feminino sendo esfaqueado pelos animais, o conto ratifica o sangue do feminicídio como um complemento de uma masculinidade em crise. Por aproximar o perfil do assassino de um homem que rejeita a civilidade, o conto não fixa uma identidade, mas provoca uma reflexão acerca da masculinidade padronizada e normatizada por valores herdeiros de sociedades patriarcais. Sabemos que para além dessa fixação, “[...] há múltiplas masculinidades em uma mesma sociedade, inclusive em uma mesma instituição, grupo de colegas ou local de trabalho” (Connell & Pearse, 2015, p. 208).

Portanto, em ‘Sangue esclarecido’, o pertencimento do protagonista ao território de uma masculinidade brutalizada traduz seu limite de experiência humana. Tal fixação é uma marca dessa língua expropriada do processo civilizatório. Incapaz do diálogo, ele se impõe como um estrangeiro que usa o monolinguismo da violência para assegurar seu vínculo social, pois língua é “[...] a primeira e última condição de pertencimento [...]”, a língua é também “[...] a experiência de expropriação, de uma irreduzível exapropriação” (Derrida, 2003, p. 79).

Ironicamente, o conto desloca os valores da hospitalidade, reforçando a perversidade do estrangeiro, que é vítima de seu monolinguismo, pois se recusa a usar os códigos da civilidade. Com isso, o texto literário revisa a questão da expropriação daquele que é hospedado, abrindo a possibilidade de reflexão sobre os

perigos daquela que acolhe, reforçando o quanto as questões de gênero também fazem parte do debate sobre a hospitalidade.

Considerações finais

O feminicídio praticado no final do conto deixa rastros de uma lógica assustadora que normatiza a identidade masculina, quando recusa o acolhimento praticado por uma mulher. Tal comportamento de refutação do princípio da hospitalidade traz à tona a ambiguidade dessa relação entre estrangeiro e sujeito feminino solidário, uma vez que se trata de um hóspede hostil que se mostra um visitante inapropriado para uma casa acolhedora.

Essa luta identitária é pautada pelo processo de ‘individualização’, no qual o visitante é visto como um ‘pesadelo’ para a identidade da mulher e essa, por sua vez, ‘viscosa’ para seus movimentos (Bauman, 2005). Com isso, o homem não se adequa às normas da hospitalidade e impõe seu repertório de forma incondicional, sacrificando aquela que o acolhe. Portanto, podemos concluir que, na visão do narrador de Piñon, a civilidade é um pesadelo do qual o protagonista não consegue se desvencilhar.

O estarecedor na experiência estética de ‘Sangue esclarecido’ se projeta na violência gratuita e na falta de sentido no prazer masculino de aniquilar uma mulher sem motivos aparentes. Desde pequeno, o protagonista se projeta como um estrangeiro no espaço do aconchego da família. De forma progressiva, a violência vai se traduzindo com a sua única forma de comunicação, pois a cada nova casa que o hospeda, ele impõe um grau maior de agressividade. Além de trazer reflexões sobre a questão da hostilidade masculina, o conto expõe a negligência social quanto às infrações masculinas no espaço doméstico. Esse repertório simbólico de impunidade é respaldado pela premissa de que os crimes privados são normatizados por intersubjetividades das relações pessoais, por isso ainda vistos como conflitos de ‘bagatelas’ (Machado, 2017).

Assim, de forma paródica, o conto satiriza o excesso de masculinidade pela trajetória de um homem agressivo, que usa da força e da virilidade para subjugar o corpo da mulher todas as vezes que está em um relacionamento. Essa postura é própria do monolinguismo da violência de gênero, que é respaldada por uma língua de valores espectrais que se baseia na masculinidade excessiva e na tradição patriarcal. Tais valores são sustentados por um julgamento moral da mulher, que está sempre à mercê das avaliações machistas, quando se trata de vítimas dessa violência. Portanto, a hostilidade masculina não é consequência apenas da brutalidade dos homens, mas também das práticas sociais que insistem em punir a mulher, quando se afasta do padrão de submissão, e cultuar a masculinidade como um ato heroico próprio da cultura da honra.

Referências

- Bauman Z. (2005). *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (2017). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bestbolso.
- Butler, J. (2014). Desregulando gênero. *Cadernos Pagu*, 42, 249-274. Doi: 10.1590/0104-8333201400420249
- Colasanti, M. (2012). A moça tecelã. In M. Colasanti. *Um espinho de marfim e outras histórias* (p. 11-14). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo, SP: nVersos.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo, SP: Escuta.
- Gomes, C. M. (2014). O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. *Estudos Feministas*, 22(3), 781-794. Doi: 10.1590/S0104-026X2014000300004
- Gomes, C. M. (2018). A performance pós-moderna de Nélida Piñon contra o feminicídio em Vozes do deserto. *Cadernos Pagu*, 37, 219-246. Doi: 10.1590/18094449201800530011
- Lara, B., Rangel, B., Moura, G., Barioni, P., & Malaquias, T. (2016). *#Meuamigosecreto: feminismo além das redes* (Coletivo Não Me Kahlo). Rio de Janeiro, RJ: Edições de Janeiro.
- Machado, L. Z. (2010). *Feminismo em movimento*. São Paulo, SP: Francis.
- Machado, L. Z. (2017). Violência contra as mulheres: diálogos entre feminismo e ciência social. In A. F. Dias, E. F. Santos, & M. H. S. Cruz. (Orgs.), *A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas* (p. 37-54). Aracaju, SE: IFS.

- Pasinato, W. (2011). Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, 37, 219-246. Doi: 10.1590/S0104-83332011000200008
- Piñon, N. (1997). Sangue esclarecido. In N. Piñon. *Sala de armas* (p. 105-110). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Piñon, N. (2004). *Vozes do deserto* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Segato, R. L. (2003). *Las estructuras elementales de la violencia: sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal, BA: Universidad Nacional de Quilmes.
- Telles, L. F. (2009) Venha ver o pôr do sol. In L. F. Telles. *Antes do baile verde* (p. 136-144). São Paulo, SP: Companhia das Letras.